



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

S. GUALTER DE GUIMARÃES

ENSAIO BIOGRÁFICO

II

«Dizia S. Francisco: pela manhã, ao nascer do sol, deviam todos os homens louvar a Deus porque, em proveito dêles, criou êste formoso astro; porquanto é pelo sol que os homens vêem tôdas as coisas.

«De tarde, quando a noite vem, deviam os homens louvar a Deus por ter criado o nosso irmão fogo, que dá luz aos nossos olhos, durante a obscuridade. Pois que pelo nascimento, somos todos como cegos; e Deus dá luz aos olhos por intermédio dêstes dois irmãos». ⁽¹⁾

Tam místico sentimento, com que o Santo interpretava a natureza, explica-nos o modo como em seu espírito se gerou êsse belo *Cântico do Sol*, também chamado das *Criaturas*, que no número anterior aqui demos. Esta passagem do *Speculum Perfectionis* é o comentário e a interpretação autorizada — visto ser feito pelas próprias palavras do Santo, — da sua maneira de ver as coisas inferiores. Ao contrário de se distraír com elas, de o divertirem da contemplação, eram-lhe incentivo para se absorver em Deus.

De índole genuinamente poética, procurava em tudo um símbolo, em tudo via uma imagem, de tôdas as coisas lhe avultava uma figura do sobrenatural.

(1) *Speculum Perfection.*, cap. CXIX.

«Amava a água porque trazia à memória a santa penitência, pela qual o homem se purifica; e porque era a matéria do baptismo. Donde tomara tam profunda veneração por ela, que, para lavar-se, procurava sítio onde as gotas que das mãos lhe caíssem não pudessem ser pisadas.

«Era com grande respeito que caminhava sôbre as pedras; porque estas lhe lembravam a pedra simbólica que se chama *Angular*.

«Quando um irmão ia ao bosque cortar lenha, recomendava-lhe que não cortasse totalmente nenhuma árvore, para que esta pudesse reverdecer; e fazia-o em memória da árvore da Cruz.

«Ao hortelão ordenava que dispusesse um canteiro, onde as flores se pudessem conservar direitas; para lembrar aos irmãos *aquela flor* que se chama o *lírio de Saron*» ⁽¹⁾

«Nós, os que com êle vivemos — dizem os autores do *Speculum Perfec.* — víamo-lo regozijar-se tanto, quer interior quer exteriormente, com tôdas as coisas criadas, que, ao tocá-las ou ainda simplesmente ao olhar para elas, seu espírito mais parecia estar no céu do que na terra.»

Ora a impressão, que nos discípulos de Francisco produzia êste amor terno e comovido da natureza, pode avaliar-se pela que em nós, tam distanciados dêsses tempos, ainda hoje produz. Êste senso místico, que tudo interpreta espiritualmente, esta tendência para ver símbolos de Deus, das suas perfeições e atributos, em cada ser criado; que na solidez inabalável e poderosa das rochas via a imagem do poder infinito; que na flor delicada e bela, a formosura de Deus; que o levava a conversar com as aves e brutos; esta piedade transcendente, comum ao santo, ao poeta, e ao artista, a qual lhes faz sentir o alto valor e significado íntimo das coisas, difundiu-se por tôda a sociedade nascente. Por isso não é de estranhar que entre os primeiros franciscanos, sôbre tudo aqueles que conheceram o Santo na primeira fase da sua conversão, encontremos homens dotados dum alto valor místico, poetas e ex-

⁽¹⁾ *Franc. d'Assise*, Johannes Joergensen, VI, pág. 464.

táticos, que nos deixaram um legado precioso de doutrina e exemplos. Como aquele Fr. Gil, homem rude mas pensador arguto, cujos dizeres, sempre profundos, às vezes irónicos, foram tam apreciados pela posteridade, que ainda hoje correm com o selecto nome de «*Dicta aurea B. Aegidii*» — *Palavras de ouro do bem-aventurado Gil*.

A' mesma pléiade de iluminados pertencem:

«*Bernardo de Quintavalle*, homem venerável, de todos os Assisienses o mais douto em direito civil, o mais rico e o mais sábio, por cujo conselho tôda a cidade se regia; cuja santidade era tanta que S. Francisco tinha por êle grande veneração, e a quem, na ausência, tecia grandes louvores, e na morte deu a principal bênção...» ⁽¹⁾

«*Pedro Cathani*, louvável em sua conversão, mas ainda mais louvável na perseverança; porque tendo começado santamente, ainda mais santamente acabou...» ⁽²⁾

«*Filipe Longo* a quem um anjo purificou os lábios, ficando desde então a interpretar a inteligência das Sagradas Escrituras; e acerca de Jesus proferia palavras de melíflua doçura.» ⁽³⁾

«*Angelo Trancrêdo*, — a meiga ovelhinha de Deus, como S. Francisco costumava chamá-lo — a quem o Santo, passando em Riete, chamou dizendo: «Senhor Angelo Tancredo, muito há já que trazes o cinturão, a espada, e as esporas de cavaleiro; importa que troques por uma corda rude o cinto, pela cruz a espada, pelo pó e pelo lôdo as esporas. Portanto vem comigo, e eu te farei soldado de Cristo.» ⁽⁴⁾

Simão de Assis, varão solitário, de grande contemplação, lúcido espelho de santidade e de tôdas as virtudes; o qual apesar de nunca ter estudado gramática, falava de Deus com grande subtilidade e profundidade.» ⁽⁵⁾

⁽¹⁾ *Compendium Chronicarum FF. Minorum*, Mariano de Florença.

⁽²⁾ *Ibid.*

⁽³⁾ *Ibid.*

⁽⁴⁾ *Ibid.*

⁽⁵⁾ *Ibid.*

«*João dos Louvores*. Este era em seu tempo, o mais valente de todos os frades, e mereceu que S. Francisco lhe deixasse tocar suas chagas.» ⁽¹⁾

«*Zacarias Romano*, homem santo e ilustre em milagres, que S. Francisco mandou para a Espanha.» ⁽²⁾

«*Gualter*, varão devotíssimo e santo; brilhou na província de Sant'Iago, foi um dos primeiros discípulos por S. Francisco enviados, cuja santidade se tornou tam ilustre e famosa, que excitava nos povos a devoção pela Ordem; e entre outros milagres que dêle se nararam, conta-se que manava óleo do seu sepulcro, com que os enfermos recuperavam a saúde.» ⁽³⁾

E outros e outros, que interminável é a série desses peregrinos do reino de Deus, educados na escola sublime de Francisco, a quem êle alimentou com a mais pura doutrina do seu evangelho, extraído da quinta-essência do de N. Senhor Jesus Cristo. Criava-os com amor e solicitude, afeiçoava-os à sua feição; instilava-lhes nas almas ingênuas e maleáveis, não tanto a sabedoria ou inteligência das Escrituras ou os conhecimentos que ao prêgador apostólico devem nunca falecer, mas sôbre tudo, antes de tudo, e até com exclusão de tudo, o espírito de que êsses predicados hão de ser animados — o amor de Deus, e o amor dos homens, — por serem criaturas de Deus.

Porque, repassada dêstes dois alentos sobrenaturais, a sua prêgação era uma novidade surpreendente, já pelo assunto, já pela forma.

«Admoesto e exorto os meus frades que na prêgação que fazem sejam examinadas e castas as suas palavras, para utilidade e edificação do povo, *anunciando-lhes os vícios e as virtudes, a pênã e a glória com brevidade...*» ⁽⁴⁾

Nestas curtas palavras está condensada a suma essência da prêgação minorítica, e é, por contraposição, a denúncia e a condenação da maneira de prêgar nessas remotas eras. A decência da expressão, o intui-

⁽¹⁾ *Compendium Chronicarum FF. Minorum*, Mariano de Florença.

⁽²⁾ *Ibid.*

⁽³⁾ *Ibid.*

⁽⁴⁾ *Opuscul. S. P. Francisc.*, pág. 71.

to de edificar, a prêgação da moral de preferência ao alarde douto, eram muito para ser recomendados em tempo de S. Francisco.

Como o santo praticava a própria doutrina, ouçamo-lo duma testemunha presencial: «No mesmo ano (1222) em dia da Assunção da Mãe de Deus, sendo eu estudante em Bolonha, vi S. Francisco prêgar diante dos Paços da Câmara, onde tôda a cidade se tinha juntado. O exórdio do sermão foi: «Anjos, homens e demônios»; falou tam bem e tam descretamente dêstes três espíritos racionais, que a muitos letrados ali presentes causou não pequena admiração aquele discurso dum homem ignorante. Não guardava as regras da prêgação, mas falava em tom de palestra. E todo o assunto das suas palavras tendia a extinguir as discórdias e a restabelecer os contratos de amizade. Vestia um hábito vil; era desprezível de aparência, e feio; mas tam grande eficácia infundia Deus às suas palavras, que reconciliou muitas famílias da nobreza, entre as quais as fúrias de velhos ódios fizera derramar grande quantidade de sangue. Era tanta a devoção, que homens e mulheres corriam a êle em turma, na ânsia de tocar a fimbria do seu hábito, ou de lhe tirar algum pedaço de pano.» ⁽¹⁾

Havia um encanto irresistível, que atraía os homens para estes singulares prêgadores, que tomavam o ofício da prêgação de maneira bem diferente do comum; porque, diziam — «¿Que outra coisa são os servos de Deus senão uma espécie de jograis a quem incumbe levantar os corações dos homens e movê-los à alegria espiritual?» ⁽²⁾.

*

Lançados na faina evangélica de ir de terra em terra cantando os louvores de Deus e chamar os homens das *suas vias péssimas*, vamos ver, segundo um autor grave e historiador oficial da Ordem Seráfica, o teor do seu viver.

⁽¹⁾ *Historia Salonitanorum*, Thomas Spalatensis. Ed. Heinemann, in *Mon. Germ. Hist.*, t. XXIX.

⁽²⁾ *Speculum Perfectionis*, cap. C.

Mas primeiro havemos de advertir que S. Francisco considerava a alegria o principal meio de adquirir a paz do coração, — o dom do Espírito Santo que mais nos aproxima da bem-aventurança. E assim era à aquisição dessa paz interior que tendiam as suas *alocuições* ou palestras morais. Ora o quadro que da vida dos Companheiros do Santo *Poverello* nos faz o Dr. Holzapfel, é verdadeiramente o da vida de quem conseguiu a *santa alegria*. ⁽¹⁾

«Os primeiros Minoritas eram *praedicatoribus ubique circumueuntes* — pregadores que a toda a parte andavam, sem ter permanente cidade, conforme ensina o Apóstolo. O que necessitavam para a vida, adquiriam-no pelo trabalho manual, continuando a própria profissão, prestando honestos serviços, sem nunca se apartarem da vida humilde e desprezível. Quando, porém, não podiam dêste modo alcançar e satisfazer às suas urgentes necessidades, recorriam à *mesa do Senhor*, como os demais pobres.

«Onde quer que se lhes deparava hospitalidade, aí ficavam, preferindo sempre os hospitais e leprosas, onde de bom ânimo serviam. Totalmente careciam de habitações; quando muito, aceitavam choupanas e celas apartadas de povoado, aonde se recolhiam por certo tempo, afim de se darem à meditação, à penitência, para aquisição de novas forças espirituais necessárias à vida de pregação a que se dedicavam. Contudo nem estes lugares lhes pertenciam, porquanto se de novo fôsem tomados, deviam de pronto deixá-los. Viviam pois sem propriedade, literalmente falando, apesar de semelhante género de pobreza não estar ainda definido no direito; nem disso se havia mister, porque nenhum irmão pensava sequer em contender pela posse do vestido ou de outra coisa; seus pensamentos tinham mais alto fôto.

⁽¹⁾ «Que ande cabisbaixo aquele que pertence ao diabo; mas nós alegremo-nos no Senhor». «A tristeza é a enfermidade de Babilónia e de seus filhos». «Quando a alma está triste, só, e cheia de cuidados, facilmente se volta para as consolações exteriores e para os vãos prazeres do mundo». «Vivei na alegria!» «A santa alegria brota dum coração puro e da constância na oração». — (*Máximas de S. Francisc. Assissien.*)

«Ninguém melhor do que o Bispo Iacobo de Vi-triaco descreveu a vida dos primitivos Franciscanos, dos quais foi testemunha ocular: ⁽¹⁾ — Os Irmãos Menores para nada se ocupam das coisas temporais, mas com grande fervor e atenção veemente trabalham, cada dia, em retrair das vaidades do século e conduzi-las após de si, as almas transviadas do caminho da perfeição... Êles, por si, vivem segundo a forma da Igreja primitiva, da qual está escrito que «*A multidão dos crentes tinham um só coração e uma só alma*» (Act. 4, 72). De dia entram pelas cidades e vilas, ajudando a quem quer, ocupando-se em qualquer trabalho; à noite voltam para o ermo e lugares solitários vacando à contemplação. Creio mesmo que para ignomínia dos prelados — que, semelhantes a cães mudos não ousam ladrar — quer Deus, por meio dêstes homens pobres e simples, salvar, antes que se acabe o mundo, multidão de almas; e é tanta a diligência que põem em reasumir a norma de religião da Igreja primitiva, a sua pobreza e humildade, que não contentes, em seu ardor espiritual, com abraçar os preceitos evangélicos, forcejam, por todos os meios, por imitar os conselhos e vida apostólica, renunciando ao que possuíam, abnegando-se a si próprios, impondo-se, por suas mãos, a cruz, seguindo nus de tudo ao Pobre dos pobres! ⁽²⁾

*

A vocação missionária de S. Francisco cedo se manifestou.

Segundo o testemunho de Mariano de Florença, a sua primeira missão data de 1209, logo depois de se lhe terem reunido os primeiros três Companheiros, *Bernardo de Quintavalle, Pedro de Cathani e Gil de Capocis*. ⁽³⁾

⁽¹⁾ Böhmer, *Analekten* 98 102.

⁽²⁾ *Nudi sequentes nudum*.

⁽³⁾ *Hi quatuor perfectissimi viri coniuncti, ad perfectum animarum, bini et bini divisi ad partes, seu provincias perrexerunt, homines ad penitentiam simpliciter animantes.* — (*Compend. Chronicar. FF. Minor.* a P. Mariano de Florent.).

Seguiu-se a esta tentativa uma segunda, quando já contava doze discípulos, o que sucedeu em pouco tempo, talvez ainda dentro do ano de 1209 ou princípios do seguinte.

Ora quando mais influído andava neste género de vida missionária, foi que terríveis dúvidas o assaltaram, e procurou sair delas da maneira por que se conta no citado capítulo XV das *Fioretti*, e é como se segue:

«O humilde servo de Deus, S. Francisco, pouco depois da sua conversão, tendo já reunido e recebido na Ordem muitos companheiros, entrou a pensar muito e com grandes dúvidas à cerca do que devia fazer: dar-se sòmente à oração, ou também, uma vez por outra, à prègação; desejando vivamente conhecer a vontade de Deus sòbre este ponto. E porque a santa humildade que nêle morava lhe não consentia fiar-se em si mesmo, nem em as suas orações, pensou buscar a vontade divina por meio das orações dos outros. E chamando frei Masseo, disse-lhe:

— «*Vai ter com irmã Clara a quem dirás da minha parte que, em companhia dalgumas religiosas mais espirituais, peça devotadamente a Deus que se digne mostrar-me qual será mais conveniente: dedicar-me à prègação ou sòmente à oração. Depois procura frei Silvestre e dize-lhe a mesma coisa.*»

Era este frei Silvestre aquele cavalleiro que tinha visto sair da bôca de S. Francisco uma cruz de ouro, a qual chegava ao céu e abrangia o mundo de uma extremidade à outra; e ademais era agora de tam grande santidade que quanto a Deus pedia, tudo obtinha; falava muitas vezes com Deus, pelo que S. Francisco o tinha em grande devoção.

Foi pois frei Masseo e conforme o Santo lhe mandou, assim fêz; indo primeiro a Santa Clara e depois a frei Silvestre, que, apenas recebeu a ordem, se pôs imediatamente em oração, e orando obteve a resposta divina e voltando a frei Masseo lhe disse:

— «*Isto diz Deus para que digas a frei Francisco: que Êle o não chamou a este estado sòmente para seu proveito, mas para que faça fruto nas almas, afim de que muitos encontrem por êle a salvação.*»

Recebida esta resposta, voltou frei Masseo aonde estava S. Clara, saber o que tinha alcançado de Deus;

a qual lhe respondeu que tanto ela como as suas companheiras tinham recebido resposta igual à de frei Silvestre.

Com isto tornou frei Masseo para S. Francisco, que o recebeu com grandíssima caridade, lavando-lhe os pés e preparando-lhe o jantar; e depois de ter comido, chamou-o para o bosque, e ajoelhando-se diante dêle, tirou o capuz e com os braços cruzados lhe perguntou:

— «*Que manda o meu Senhor Jesus Cristo*»?

Respondeu frei Masseo:

— «*Tanto ao irmão Silvestre, como à irmã Clara e mais irmãs, respondeu e revelou Cristo que é de sua vontade que vás pelo mundo prègar, porque não te elegeu para ti só, mas também para a salvação dos demais.*»

Então S. Francisco, tendo ouvido esta resposta, e por ela conhecido a vontade de Cristo, levantou-se e com grandíssimo fervor disse:

— «*Vamos, em nome de Deus.*»

E tomou por companheiros a frei Masseo e frei Angelo, homens santos. E partiram ao impulso do espírito, sem reparar em caminho ou senda, chegaram a um castelo, a que chamam Carmano, e S. Francisco pôs-se a prègar, mandando primeiro às andorinhas, que ali estavam cantando, que se calassem até que êle acabasse de prègar; obedeceram-lhe as andorinhas, e o santo prègou com tanto fervor que todos os homens e mulheres daquele castelo o queriam seguir, e abandonar a terra...

A cândida narrativa de *Fioretti* dá-nos assim, em nota impressionista, o que era a prègação de S. Francisco e a dos seus companheiros. Destituída de todo o artifício, de tôda a curiosidade do humano saber, podia aplicar-se-lhe o que S. Paulo dizia de si mesmo: «*Não em sabedoria de palavras, para que não seja feita vã a cruz de Cristo*» (I Cor., I, 17).

A scena descrita no capítulo citado teve lugar no ano de 1212, e representa um traço do ingénuo e ardente espírito de S. Francisco. Porque não foi nesse ano, como dissemos, que o Santo resolveu dar-se à vida apostólica, e nela empregar os seus Companheiros. Foi um decaimento de ânimo, um escrúpulo de consciência, um temor de ter enveredado por não devido

caminho. Sua primeira excursão missionária fôra já em 1209, como acima dissemos. ⁽¹⁾

Nessa época nenhuma hesitação viera atormentá-lo. Era então a quadra lírica da sua conversão completa a Deus. Uma clara alegria, uma doçura penetrante, uma sensação de felicidade o inundava todo, o aligeirava, a ponto de não sentir o jugo do Senhor; por isso não o podiam perturbar dúvidas, não o embaraçavam escrúpulos, nem o detinham hesitações. Lançava-se com ardor na conversão do mundo e comunicava êsse ardor confiado às almas ingênuas dos seus discípulos, que não tinham outro pensar senão o dêle, outro querer que não fôsse uma identificação completa com o seu; como deixam transparecer os *Três Companheiros* quando referem que, em certa ocasião, enquanto o Santo excitava os homens à penitência, ao amor e ao temor de Deus, ia o bom de frei Gil dizendo aos ouvintes que acreditassem nas palavras do prêgador e que obrassem como êle lhes ensinava! ⁽²⁾

Como S. Francisco destinava os seus companheiros à evangelização do mundo, e como conhecesse os grandes trabalhos e humilhações que tal ocupação lhes acarretaria, procurava formá-los no espírito de sacrifício, na pobreza e na humildade. Falava-lhes freqüentes vezes das virtudes evangélicas, e quanto importava praticá-las para delas adquirir o hábito. Mandava-os mendigar ao povoado de porta em porta; o que lhes dava boa ocasião para se exercitarem em todo o gênero de virtude. Eram tratados com desprezo e hostilidade. Os rapazes atiravam-lhes pedras e os homens insultavam-nos, chamando-lhes doidos, preguiçosos, vândios. «Parece-me demasiado dura a vida que levais — dizia a Francisco o Bispo de Assis. — E' excessivo o renunciar a tôda a possessão». «Senhor, respondeu o santo com doçura, se possuíssemos alguma coisa, eram-nos necessárias armas para o defendermos; porque os bens dêste mundo não se possuem sem litígios nem dissensões. Ora isto é a ruína do amor de Deus

⁽¹⁾ *Analect. Fran.*, t. III, p. 76.

⁽²⁾ *Legenda Trium Socior.*, cap. III, n. 33.

e do próximo. Por isso nada queremos ter de temporal». ⁽¹⁾

E quando os houve bem formados neste espírito de abandono das coisas terrenas, no desprezo do mundo, na humildade e na abnegação, chamou-os e fêz-lhes esta breve alocução:

«Consideremos, Irmãos, a nossa vocação: não é sòmente para nossa salvação que Deus, em sua misericórdia, nos chamou; mas também para que vamos por todo o mundo exortar mais com o exemplo do que com as palavras, os homens à penitência e à observância dos preceitos divinos. Sois poucos e ignorantes, mas não temais. Prêgai a penitência, ponde a vossa confiança em Deus, que venceu o mundo; Êle falará por vós tam eficazmente que o mundo se há-de converter. Encontrareis homens fiéis, doces e cheios de caridade, que alegremente receberão as vossas palavras; outros pelo contrário incrédulos e ímpios, que vos resistirão. Tomai bom ânimo e sofrei tudo com paciência e humildade.» ⁽²⁾

(Continua).

T. G.

⁽¹⁾ *Legenda Trium Socior.*, cap. III.

⁽²⁾ *Ibid. ibid.*